



FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: RELATO DE UMA CONSTRUÇÃO COLETIVA

Cláudia de Oliveira Alves¹

Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia, Brasília, DF, Brasil.

Júlia Campos Bessa dos Santos²

Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia, Brasília, DF, Brasil.

Maria Eduarda Alves Ferreira³

Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia, Brasília, DF, Brasil.

Gabriela Martins Albuquerque⁴

Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia, Brasília, DF, Brasil.

Anita Silva Zanolla⁵

Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia, Brasília, DF, Brasil.

Iago Ferreira Sampaio⁶

Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia, Brasília, DF, Brasil.

Resumo: Este artigo tem como objetivo relatar uma experiência no processo de formação de psicólogos(os), a partir da análise de uma disciplina ministrada no curso de graduação. Tratou-se de uma disciplina optativa que contou com uma turma de 25 estudantes de graduação em psicologia. As estratégias pedagógicas adotadas foram embasadas na perspectiva das metodologias ativas; na educação dialógica, participativa e conscientizadora proposta por Paulo Freire; e na perspectiva pedagógica proposta por bell hooks. Ao longo da disciplina foi possível observar o engajamento da turma no processo de ensino-aprendizado de forma a construir, individual e coletivamente, conhecimento, habilidades, compreensões e experiências sobre as dinâmicas das relações étnico-raciais e a atuação em psicologia clínica. Acredita-se que o uso de estratégias pedagógicas diversificadas tenha contribuído significativamente para o processo. Esperamos que as reflexões tecidas inspirem construções de diálogos e práticas de formação a respeito das relações étnico-raciais na psicologia, especialmente na área da psicologia clínica.

Palavras-Chave: Psicologia Clínica; Relações Étnico-Raciais; Raça; Formação Profissional; Estratégias Pedagógicas.

¹ Doutora e Mestre em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidades de Brasília. Professora Adjunta do Departamento de Psicologia Clínica da Universidade de Brasília. E-mail: cla.alves@unb.br ; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5111-8824>

² Graduanda em Psicologia pela Universidade de Brasília. E-mail: juliabessaa@gmail.com ; ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-2062-5959>

³ Graduanda em Psicologia pela Universidade de Brasília. E-mail: duda.meaf@hotmail.com ; ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-0116-7596>

⁴ Graduanda em Psicologia pela Universidade de Brasília. E-mail: gabrielapsicologia55@gmail.com ; ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-6327-7492>

⁵ Graduanda em Psicologia pela Universidade de Brasília. E-mail: nitazanolla16@gmail.com ; ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-1580-4673>

⁶ Graduando em Psicologia pela Universidade de Brasília. E-mail: iagofrsp@gmail.com ; ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-3048-7593>



TRAINING IN CLINICAL PSYCHOLOGY AND ETHNIC-RACIAL RELATIONS: REPORT OF A COLLECTIVE CONSTRUCTION

Abstract: This article aims to report an experience in the process of training psychologists, based on the analysis of a subject taught in the undergraduate course. It was an optional course that included a class of 25 undergraduate psychology students. The pedagogical strategies adopted were based on the perspective of active methodologies; in dialogical, participatory and awareness-raising education proposed by Paulo Freire; and in the pedagogical perspective proposed by bell hooks. Throughout the course, it was possible to observe the class's engagement in the teaching-learning process in order to build, individually and collectively, knowledge, skills, understandings and experiences about the dynamics of ethnic-racial relations and work in clinical psychology. It is believed that the use of diverse pedagogical strategies contributed significantly to the process. We hope that the reflections woven inspire the construction of dialogues and training practices regarding ethnic-racial relations in psychology, especially in the area of clinical psychology.

Keywords: Clinical Psychology; Ethnic-Racial Relations; Race; Professional Training; Pedagogical Strategies.

FORMACIÓN EN PSICOLOGÍA CLÍNICA Y RELACIONES ÉTNICO-RACIALES: RELATO DE UNA CONSTRUCCIÓN COLECTIVA

Resumen: Este artículo tiene como objetivo relatar una experiencia en el proceso de formación de psicólogos, a partir del análisis de una materia impartida en la carrera de pregrado. Era un curso opcional que incluía una clase de 25 estudiantes de licenciatura en psicología. Las estrategias pedagógicas adoptadas se basaron en la perspectiva de metodologías activas; en la educación dialógica, participativa y sensibilizadora propuesta por Paulo Freire; y en la perspectiva pedagógica propuesta por bell hooks. A lo largo del curso, fue posible observar la participación de la clase en el proceso de enseñanza-aprendizaje para construir, individual y colectivamente, conocimientos, habilidades, comprensiones y experiencias sobre la dinámica de las relaciones étnico-raciales y el trabajo en psicología clínica. Se cree que el uso de diversas estrategias pedagógicas contribuyó significativamente al proceso. Esperamos que las reflexiones tejidas inspiren la construcción de diálogos y prácticas formativas en torno a las relaciones étnico-raciales en psicología, especialmente en el área de la psicología clínica.

Palabras-clave: Psicología Clínica; Relaciones Étnico-raciales; Raza; Formación Profesional; Estrategias Pedagógicas.

FORMATION EN PSYCHOLOGIE CLINIQUE ET RELATIONS ETHNICO-RACIALES: BILAN D'UNE CCONSTRUCTION COLLECTIVE

Résumé: Cet article vise à rapporter une expérience dans le processus de formation de psychologues, basée sur l'analyse d'une matière enseignée dans le cours de premier cycle. Il s'agissait d'un cours optionnel regroupant une classe de 25 étudiants de premier cycle en psychologie. Les stratégies pédagogiques adoptées étaient basées sur la perspective de méthodologies actives; en éducation dialogique, participative et de sensibilisation



proposée par Paulo Freire; et dans la perspective pédagogique proposée par bell hooks. Tout au long du cours, il a été possible d'observer l'engagement de la classe dans le processus d'enseignement-apprentissage afin de construire, individuellement et collectivement, des connaissances, des compétences, des compréhensions et des expériences sur la dynamique des relations ethno-raciales et du travail en psychologie clinique. On estime que le recours à diverses stratégies pédagogiques a contribué de manière significative au processus. Nous espérons que les réflexions tissées inspireront la construction de dialogues et de pratiques de formation concernant les relations ethno-raciales en psychologie, notamment dans le domaine de la psychologie clinique.

Mots-clés: Psychologie Clinique; Relations Ethno-Raciales; Race; Qualification Professionnelle; Stratégies Pédagogiques.

INTRODUÇÃO

O estudo das relações étnico-raciais na sociedade brasileira é um elemento importante para a formação em psicologia. Esse processo envolve abordar e compreender as dinâmicas das produções e reproduções, históricas e atuais, de estruturas, relações, desigualdades, dentre outros aspectos que influenciam direta e indiretamente todas as dimensões da vida, incluindo as produções de saúde e bem-estar (ALVES; MOREIRA; TAVARES, 2020). A dinâmica das relações étnico-raciais está atrelada à noção de raça. Essa última é entendida como uma construção social que edifica e reproduz desigualdades baseadas na crença errônea de superioridade e inferioridade de grupos humanos (pessoas brancas, negras, indígenas, por exemplo). Nessa relação, pessoas negras e pessoas indígenas são continuamente e historicamente alocadas no campo de inferioridade estética, moral, política, intelectual, dentre outros aspectos, ao passo que às pessoas brancas é prescrito o campo da superioridade (GUIMARÃES, 1999; MUNANGA, 2003).

O racismo, sistema estruturante das relações étnico-raciais, com suas diversas dimensões, produz desigualdades em várias esferas da vida de pessoas negras e indígenas, como renda, educação, saúde, dentre outras (WERNECK, 2016; WILLIAMS; PRIEST, 2015). O racismo impacta desde as possibilidades de garantias de direitos a aspectos materiais e subjetivos. As produções de saúde, de sofrimento psíquico, de cuidado são tecidas na teia das dinâmicas das relações étnico-raciais. Dessa forma, é fundamental que a construção do conhecimento e a prática em psicologia, bem como as formações, contemplem a complexidade dessas questões.

O pensamento psicológico brasileiro sobre as relações étnico-raciais passou por diversos momentos ao longo do tempo (SANTOS; SCHUCMAN; MARTINS, 2012; SCHUCMAN; GONÇALVES, 2020; SCHUCMAN; MARTINS, 2017), passando desde uma perspectiva biológico-causal, para uma perspectiva culturalista e, mais recentemente, para uma perspectiva relacional, que inclui os estudos sobre branquitude. Contudo, relações étnico-raciais ainda é uma temática pouco presente no processo de formação em psicologia de forma geral (CARVALHO; SOUZA; MACEDO, 2020; KHOURI; CASTELAR, 2016; MEIRELES; FELDMAN; CANTARES; NOGUEIRA; GUZZO, 2019; SANTOS; SCHUCMAN, 2015; PRESTES, 2020), especialmente na psicologia clínica. A psicologia social é a área que mais tem acolhido as discussões sobre relações étnico-raciais (CARVALHO; SOUZA; MACEDO, 2020; SACCO; COUTO; KOLLER, 2016).

Alguns estudos sobre a presença/ausência das relações raciais na formação em psicologia têm sido desenvolvidos. O estudo de Carvalho, Souza e Macedo (2020) analisou a inserção das discussões sobre relações étnico-raciais nos currículos dos cursos de Psicologia e identificou que ainda há uma marginalização refletida em conteúdos abordados em disciplinas optativas, com pouca expressão nos currículos em geral. Ao investigar a concepção de estudantes de psicologia (graduação e pós-graduação) de uma universidade pública em São Paulo sobre a relevância da abordagem das relações raciais na formação em psicologia, Santos e Schucman (2015) identificaram que foi dada pouca importância às relações raciais no Brasil na formação das pessoas participantes da pesquisa, apesar do interesse destas. Nenhuma das pessoas entrevistadas afirmou ter estudado o tema das relações raciais com profundidade na graduação, apenas de forma pontual. Elas afirmaram também que o tema foi tratado durante eventos extracurriculares ou em debates espontâneos sobre cotas no ensino superior.

A ausência ou incipiência de estudos sobre as relações étnico-raciais durante a formação tem como consequência o não preparo de psicólogas e psicólogos para lidar com questões que constituem os processos individuais, relacionais e sociais de toda a população. Considerando o nosso contexto histórico-social, como bem apontou Fanon (2008, p.18), “o racismo e o colonialismo deveriam ser entendidos como modos socialmente gerados de ver o mundo e viver nele”. Entretanto, como apontam diversos estudos (CARVALHO, SOUZA E MACEDO, 2020; SANTOS; SCHUCMAN, 2015), essa não é uma realidade dos processos formativos em psicologia no país.



Na educação básica o cenário se mostra um pouco mais animador. O estudo de revisão sistemática de literatura realizada por Silva (2018) apontou que a educação para as relações étnico-raciais em instituições educacionais escolares produziu avanços em torno do reconhecimento de manifestações, assim como das consequências, do racismo (SILVA, 2018).

Algumas poucas experiências sobre a formação em psicologia e relações étnico-raciais foram localizadas na literatura. Nesse cenário, é importante destacar a criação e atuação do Instituto AMMA Psique e Negritude. Essa é uma organização criada no ano de 1995 e que ao longo das últimas décadas tem investido esforços no enfrentamento do racismo, da discriminação e do preconceito, tanto na dimensão política quanto na psíquica. O instituto oferta espaços e possibilidade de formação e prática clínica (CFP, 2017). Outra experiência foi descrita por Meireles, Feldman; Cantares; Nogueira; Guzzo (2019), que relataram o processo de formação de psicólogas brancas em um grupo de estudos sobre o tema. Como salientaram as autoras, “as pessoas brancas têm uma responsabilidade ou débito a mais, a obrigação de se posicionarem ética e politicamente como antirracistas e se engajarem em lutas contra o racismo institucional, contra as estruturas de poder que mantêm a supremacia racial branca” (MEIRELES; FELDMAN; CANTARES; NOGUEIRA; GUZZO, 2019, P. 12). Algumas experiências também têm sido descritas por meio pesquisa-intervenção com círculos de cultura e rodas de conversa (FÉLIX-SILVA; SANTOS; DUQUE; ROCHA; SEVERO, 2022). Por fim, Castelar e Santos (2012) relatam a experiência de um grupo de estudos que ofertou disciplinas optativas específicas sobre relações raciais na formação em Psicologia ao longo de seis anos em uma universidade em Salvador, Bahia. As autoras utilizaram leituras orientadas, resenhas, preparação e apresentação de seminários, cine-debates, palestras, visita a museus, exposições, participação em eventos. As atividades, relatam as autoras, além de serem ambientes de formação, serviram como espaço de trocas e de conscientização.

Na psicologia clínica, autoras como Tavares e Kuratani (2019) e Damasceno e Zanello (2022) têm salientado a necessidade de uma formação que prepare profissionais da psicologia para atuar, uma vez que os contextos clínicos são constituídos pelas relações raciais e suas dinâmicas, incluindo a relação terapêutica. Entendemos que esse preparo profissional deveria acontecer de forma transversal durante todos os cursos de formação. Entretanto, como apontado acima, essa ainda não é uma realidade dos cursos de graduação em psicologia. Muitas vezes, a possibilidade de abordar esses aspectos



ficam restritos a disciplinas específicas e optativas, como a que será descrita a seguir. Nessa direção, este artigo tem como o objetivo relatar uma experiência no processo de formação de psicólogas e psicólogos, a partir da análise de uma disciplina ministrada no curso de graduação.

RELATO DA EXPERIÊNCIA

Este artigo integra relato e análise do processo de uma disciplina do curso de graduação em psicologia, intitulada Tópicos em Psicologia Clínica: relações étnico-raciais. A disciplina foi ofertada entre os meses de abril e julho do ano de 2023 e ao total foram realizados 16 encontros, com frequência semanal. A duração média das aulas foi de quatro horas e, ao final, a professora realizou anotações sobre o processo de ensino-aprendizagem. A disciplina foi optativa, ou seja, não era uma oferta obrigatória prevista no currículo do curso. A turma iniciou com 30 estudantes matriculadas.⁷ Destes, três não compareceram a nenhuma aula e dois trancaram a disciplina informando indisponibilidade de horários para cursá-la. De uma forma geral, a turma foi composta por 24 estudantes que estavam cursando entre o 5º e o 10º semestre do curso de psicologia e uma estudante do curso de enfermagem. A turma foi composta por pessoas autodeclaradas brancas, pretas, indígenas e pardas, esse último grupo em maior número.

A ementa da disciplina contemplou os seguintes conteúdos que foram abordados ao longo do semestre: (a) conceitos e definições básicas; (b) interseccionalidades (classe, raça, gênero) e processos de subjetivação; (c) branquitude; (d) efeitos psicossociais do racismo; (e) racismo e saúde mental; (f) dinâmicas de relações étnico-raciais em famílias e casais; (g) psicologia e políticas públicas de enfrentamento ao racismo; (h) letramento étnico-racial e formação em Psicologia; (i) pesquisa em Psicologia e o estudo de relações étnico-raciais; (j) possibilidades de intervenções psicológicas com populações negra e indígena; (l) promoção e prevenção em saúde e questões étnico-raciais; (m) ética e prática profissional no trabalho com as relações étnico-raciais. Para a condução das aulas foram utilizadas exposições dialogadas dos conteúdos e análise crítica dos textos estudados. Nesse processo, o engajamento da turma nas discussões e reflexões sobre os temas foi incentivado e valorizado. As estratégias pedagógicas adotadas foram inspiradas e

⁷ No presente relato o termo estudantes e alunas serão adotados no feminino, apesar de a turma ter sido composta por alunas e alunos.

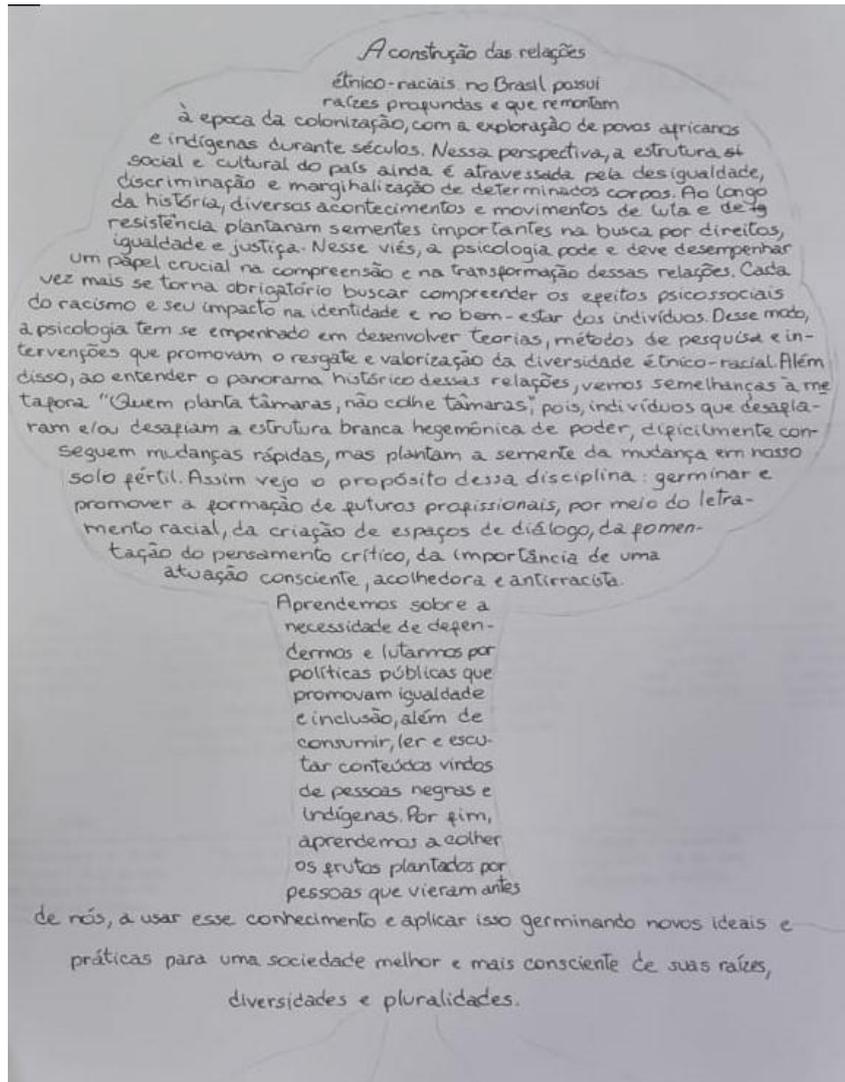
amparadas pela perspectiva das metodologias ativas (BACICH; MORAN, 2018); pela educação dialógica, participativa e conscientizadora proposta por Paulo Freire (FREIRE, 1996); e pela perspectiva pedagógica proposta por bell hooks (hooks, 2013). Foram empregadas as atividades pedagógicas descritas a seguir.

Diário de Bordo

Essa atividade consistiu no registro, ao longo do semestre, de pensamentos, reflexões, sentimentos que pudessem ser suscitados a partir da participação na disciplina. O objetivo dessa proposta foi possibilitar às alunas acompanhar e refletir sobre os processos de contato e experiência com a disciplina (em relação aos textos, às discussões em sala, às atividades propostas, dentre outros). O registro livre foi incentivado para que ficassem à vontade para realizá-lo como quisessem. Discussões e reflexões sobre o processo de construção do diário de bordo e seus desdobramentos foram realizadas com a turma durante as aulas. Ao final do semestre, as estudantes entregaram uma reflexão crítica, em formato também livre, sobre o processo individual na disciplina, abordando os principais conteúdos registrados, as ideias principais e questões suscitadas. A Figura 1 apresenta o registro sobre do diário de bordo feito por uma das alunas.

Figura 1: Exemplo de diário de bordo construído por uma aluna.⁸

⁸ O uso dos trechos de trabalhos citados ao longo do texto foi autorizado pelas alunas.



Fonte: Trecho do Diário de Bordo de uma das alunas que foi entregue no final do semestre, 2023.

Ecomapa das Relações Raciais

Essa atividade consistiu na reflexão e elaboração de um mapa da rede das relações raciais. A turma foi convidada a selecionar, individualmente, 3 contextos de convivência (Exemplo: universidade, família, amigos) e elaborar uma representação gráfica dessas relações considerando e identificando o pertencimento étnico-racial das pessoas integrantes dessa rede. A ilustração da rede não foi entregue para a professora para que as informações pessoais fossem preservadas. Após essa etapa, as estudantes foram convidadas a elaborar uma frase que representasse o processo de realização da atividade. Essa última elaboração foi entregue e discutida com a turma. Muitas estudantes relataram que foi importante olhar para os contextos de relações considerando o



pertencimento racial. Muitas estudantes relataram que até então não haviam parado para pensar sobre isso, ou já haviam pensado, mas que construir uma representação gráfica foi potencialmente significativo. O objetivo da atividade foi exatamente possibilitar que as alunas pudessem se perceber nesse contexto de relações e compreender a rede relacional mais próxima.

Acredito que a disciplina fez com que eu voltasse meu olhar para mim mesma e para as minhas próprias relações de amizade, familiares e acadêmicas através são só das aulas teóricas, mas também de algumas aulas lúdicas que tivemos, como a montagem do mapa racial. Nesse sentido, pude traçar a minha evolução ao longo dos anos em relação a minha autoidentificação enquanto pessoa negra e o fortalecimento da minha autoestima e autoaceitação a partir do contato presencial ou virtual com outras pessoas iguais a mim. Tiro como conclusão, então, que a disciplina me agregou tanto academicamente quanto pessoalmente (Trecho do Diário de Bordo de uma das alunas, 2023).

Por fim, a aula sobre branquitude teve um grande impacto sobre mim, uma vez que pude reconhecer como o racismo possui mecanismos que me beneficiam, quer eu queira ou não. Pessoas brancas, por mais que estejam alinhadas à luta antirracista, enquadram-se nas características fenotípicas consideradas 'superiores', não apenas esteticamente, mas moral e intelectualmente também. Dessa forma, para sermos de fato antirracistas, precisamos reconhecer nossa posição privilegiada na sociedade – como pessoas também racializadas – e sermos ativas no processo de aprendizagem e militância, não colocando essa responsabilidade em cima de pessoas negras e indígenas (Trecho do Diário de Bordo de uma das alunas, 2023).

Diálogos com profissionais

Profissionais da psicologia, que estudam relações étnico-raciais, receberam e aceitaram o convite para compartilhar experiências e pesquisas com a turma. As profissionais que participaram da atividade foram 2 psicólogos negros, 1 psicóloga negra e uma psicóloga indígena. Cada profissional esteve presente em um dia diferente de aula. Essa atividade possibilitou contato, diálogos e reflexões sobre trajetória pessoal e práticas na psicologia, assim como refletir sobre possibilidades e desafios nessa área. Foi possível perceber o engajamento da turma com essa atividade pela atenção e interação com as profissionais convidadas. É incomum que alunas do curso de graduação em psicologia tenham contato com a prática de profissionais não brancos durante a graduação. Nesse sentido, acredita-se que a atividade criou um contexto ímpar de aprendizado para além da estrutura hegemônica da branquitude. Como apontou uma das estudantes no diário de bordo:



Na disciplina, embora tenhamos nos deparado com uma realidade violenta, repleta de desafios, e que não mudará radicalmente à curto prazo, sinto que construí mais esperança em relação ao futuro. Primeiro, de forma muito individual. Ao ter aulas com uma professora negra, a ideia, por exemplo, de que pessoas de grupos minorizados estão conquistando cada vez mais espaços de prestígio social e que permitem uma melhor qualidade de vida foi reforçada em mim. Penso que nunca foi e que continuará não sendo fácil, mas é uma realidade que podemos promover (Trecho do Diário de Bordo de uma das alunas, 2023).

Pude, inclusive, com as aulas e palestras dos convidados, perceber que dentro da psicologia tem teóricos e estudos que aconteceram, estão acontecendo e tem espaço para acontecer. O que eu não imaginava é que a disciplina fosse me tocar tão pessoalmente. A palavra ‘identificação’ é a que marca a minha jornada subjetiva nessa matéria. A partir das aulas pude dar nome e pensar criticamente sobre experiências que sempre vivi. Ao mesmo tempo que foi difícil trazer à tona lembranças, foi importante para validar tudo o que eu sempre pensei. Acredito que, querendo ou não, é importante quando alguém te diz que o que você viveu é válido e é algo real. Imagino que essa seja grande parte do ser psicólogo, inclusive (Trecho do Diário de Bordo de uma das alunas, 2023).

Atividade Externa e *Photovoice*

Essa proposta consistiu em uma atividade externa em que a turma visitou o Acampamento Terra Livre (ATL), que é uma assembleia dos povos e organizações indígenas que acontece anualmente em Brasília. Durante a visita, as estudantes conheceram o local e acompanharam as plenárias que estavam sendo realizadas. A estratégia de *Photovoice* (Santos; Sotto-Mayor; Oliveira; Soares; Serra, 2020; Touse; Mainegra, Martins; Figueiredo, 2017) foi utilizada nessa atividade e foi solicitado que as estudantes tirassem fotos que considerassem significativas e que representassem o processo de visita. Foi discutido e enfatizado que a estratégia de *Photovoice* se refere ao processo de quem registra, de forma que as fotos registradas aludissem ao processo das estudantes na visita. Cuidados éticos nesse processo foram discutidos a fim de evitar, por exemplo, objetificação das pessoas das manifestações culturais presentes no ATL. Na semana seguinte, a turma entregou, individualmente, duas fotos e uma reflexão crítica na qual (a) descreveram como foi a experiência com a atividade; (b) descreveram o que sentiram ao tirar as fotos; e (c) relacionaram as fotos com os textos indicados e com as discussões que haviam sido feitas até o momento durante as aulas. A atividade foi discutida com toda a turma, que a avaliou como muito significativa e rica para o processo de aprendizagem. Elas avaliaram positivamente a atividade ter sido realizada fora do ambiente acadêmico e poderem ter contato com o processo de organização e ação políticas dos povos indígenas.



Confesso que, de início, tive receio de que a atividade em campo nos levasse a reproduzir a lógica de considerar indígenas como ‘objetos de pesquisa’, receio de que participaríamos do evento e tiraríamos fotos sem necessariamente refletir sobre as implicações da nossa raça nas relações de poder. Felizmente, a atividade permitiu o reconhecimento da nossa possibilidade de atuação em conjunto, de somar forças com os povos indígenas, ainda que não façamos parte dessa etnia. Enquanto profissionais, acredito que a atividade contribuiu para que, futuramente, exercitemos o saber-fazer-com, em detrimento do saber-fazer-para (Trecho da Reflexão Crítica elaborada por uma aluna sobre a atividade, 2023).

Mapa de Conteúdos

O Mapa de Conteúdos consiste em uma atividade coletiva que temos adotado nos últimos anos. Em pequenos grupos, as estudantes discutem entre si sobre os conteúdos estudados até determinado momento na disciplina. Em seguida, o grupo elabora um painel visual para representar as elaborações e, ao final, apresenta a construção para a turma. Essa é uma atividade que tem se mostrado muito útil ao permitir diálogos e trocas entre as estudantes, possibilitando contato com perspectivas diferentes sobre o mesmo conteúdo abordado. Além disso, ao planejar e construir uma representação visual sobre o conteúdo discutido, permite o aprendizado em um contexto de colaboração, reflexão, diálogo, ludicidade e criatividade. O Mapa de Conteúdos tem sido avaliado pelas estudantes como uma atividade que contribui para recapitular, expandir e aprofundar os conteúdos abordados, assim como organizá-los e expressá-los.

Os momentos da disciplina que mais apareceram no meu diário de bordo referem-se, principalmente, às aulas nas quais realizamos os estudos dirigidos propostos.⁹ Acredito que o caráter construtivista dessas atividades contribuiu para que conteúdo me afetasse mais profundamente, tendo em vista que, junto aos meus colegas, tive que adotar uma posição ativa em relação ao aprendizado da matéria. (Trecho do Diário de Bordo de uma das alunas, 2023).

Elaboração de Ensaio

O trabalho final da disciplina consistiu na elaboração e apresentação de um ensaio teórico sobre um tema de interesse dentro da temática relações étnico-raciais e psicologia clínica. Essa elaboração contemplou (a) definição dos principais conceitos ligados à temática; (b) descrição de como a temática pode ser compreendida a partir da literatura

⁹ As atividades Mapa de Conteúdos, Atividade Externa e Photovoice, e Construindo Pistas para a Psicologia foram nomeadas de Estudos Dirigidos na Plano de Ensino da disciplina.



adotada e a partir de outras referências que as estudantes poderiam buscar; (c) apontamento de questões/implicações que a temática abordada representa para o campo da psicologia clínica. Essa atividade foi realizada em dupla ou individualmente, a partir da preferência das estudantes. Uma das temáticas mais escolhidas pela turma para o trabalho final se relacionavam com as dinâmicas das relações inter-raciais.

Eu, antes da disciplina, me sentia acanhada com a discussão a respeito da negritude e o racismo na academia. Para mim, sempre foram muito claros os malefícios do racismo e ter que propagar algo tão óbvio era um tanto doloroso para mim. [...] O racismo mata, discrimina e destrói vidas. Mas na universidade, na minha visão, muitas vezes ele é abordado com insensibilidade e de forma conteudista. [...] Ainda estou digerindo o quão importante foi para a minha vida tal disciplina, porque amplia todas as expectativas que já tive sobre o que seria a minha graduação. Ela se difere de outras disciplinas pois se expande para além da minha vida acadêmica, trazendo um impacto para a minha vida pessoal também. [...] no momento em que você é uma mulher negra, jovem adulta, negra e universitária, e vê alguém da sua cor atuando em um espaço tão exclusivo que é a docência, você se sente representada. Você se sente forte, motivada, aliviada (Trecho do Diário de Bordo de uma das alunas, 2023).

DISCUSSÃO

Ao longo do processo da disciplina foi possível observar que a turma engajou no processo de ensino-aprendizado de forma a construir, individual e coletivamente, conhecimento, compreensões e experiências sobre as dinâmicas das relações étnico-raciais e a atuação em psicologia clínica. Acredita-se que o uso de estratégias pedagógicas diversificadas tenha contribuído significativamente para esse fato. Em alguns momentos, principalmente nas primeiras aulas, o silêncio se fez presente. Mesmo com o incentivo para a participação, essa só veio depois de algumas semanas. Uma das alunas comentou, em certo momento, que não é que não tinham o que dizer ou que não quisessem participar, mas sim porque não sabiam como abordar o tema. Aos poucos o silêncio foi dando lugar aos relatos, comentários e reflexões. A experiência pessoal, de alguém próximo, ou de quem se ouviu falar, constantemente foram evocadas pelas alunas para fazer relação com os textos e temas estudados.

Ainda que o foco da disciplina não fosse os aspectos das experiências pessoais das estudantes, os temas abordados transversalizam suas experiências. Assim, é compreensível que tenham sido feitos muitos relatos pessoais. Esse foi um ponto sinalizado com frequência pelas alunas e algumas delas comentaram que entrar em



contato com os estudos sobre raça, teorias, discussões e reflexões permitiu que construíssem sentido para o vivido. Entendemos que todas as estudantes precisam ver sentido no processo de formação, elas precisam se ver no seu curso, ver suas comunidades, poder pesquisar e estudar suas próprias realidades, se assim desejarem. O espaço que as aulas proporcionaram para que as alunas pudessem construir pontes entre as teorias, as pesquisas e a realidade, que vivem, foi um aspecto positivamente avaliado ao longo das aulas. No caso das estudantes negras esse processo foi mais notável.

Profissionais da psicologia se constituem como pessoas nas relações de raça, etnia, gênero, classe, sexualidade que fazem parte da realidade. Ao criar um contexto propício para construção de chaves para compreender as próprias experiências nas dinâmicas das relações raciais, acredita-se que isso poderá contribuir para que as futuras psicólogas compreendam esses processos nas experiências das pessoas atendidas por elas, seja na clínica, seja em outros contextos de atuação.

Percebemos como relevante que nas primeiras aulas da disciplina o tema dos estudos sobre branquitude tenha sido abordado de forma aprofundada. Isso parece ter facilitado localizar as discussões e reflexões no campo das relações. Em uma turma composta por pessoas brancas, negras e indígenas, essa estratégia parece ter contribuído para uma notável implicação coletiva para estudo do tema. O estudo das relações étnico-raciais, como apontaram Santos e Schucman (2015), “é uma demanda para os(as) psicólogos(as) clínicos(as) que precisam lidar com sua própria racialidade, na maioria das vezes com a branquitude (identidade racial da pessoa de pele branca), já que ainda temos uma maioria de psicólogos(as) brancos(as)” (p. 120). O estudo do perfil profissional de Psicologia no Brasil aponta que essa é uma profissão composta, predominantemente, por mulheres brancas (LHULLIER, 2013). Nessa direção, Mayorga (2013) aponta que a pouca quantidade de profissionais negras(os) é um dos fatores que contribui para a invisibilidade da temática racial na psicologia.

Sobre os efeitos do racismo, Grada Kilomba (2019) aponta como corpos negros são construídos como impróprios e, portanto, não pertencentes, corpos fora do lugar. Isso nos permite pensar o ambiente acadêmico, como ela mesma propõe. O nosso investimento, enquanto sociedade, deve ser na produção de espaços universitários, de formação, de produção de conhecimento em que pessoas negras e indígenas se sintam pertencentes. Sobre a experiência de estudantes de psicologia com a temática das relações raciais durante a formação, o estudo de Santos e Schucman (2015) aponta que



(a) o tema não foi abordado com o devido cuidado, seja especificamente ou transversalmente, de modo a permitir que os(as) estudantes pudessem se apropriar do mesmo com profundidade; (b) quando o tema foi abordado, ocorreu devido ao interesse de alguns professores, mas sem uma associação direta com a compreensão da desigualdade entre os grupos racializados no Brasil; (c) muitos(as) estudantes que afirmaram ter ouvido algo sobre o tema durante as aulas comentaram não se lembrar de como o mesmo foi abordado, demonstrando se tratar de um tema periférico (SANTOS; SCHUCMAN, 2015, p. 131).

Há ainda muito para avançarmos no processo de formação profissional em psicologia que contemple as relações étnico-raciais. Reconhece-se que a experiência descrita foi uma etapa inicial nesse processo, pois se trata de uma disciplina que durou alguns meses. Mas defende-se que esse processo de formação deve ser continuado e integrado com os outros processos formativos, como os estágios, práticas de extensão, pesquisa, dentre outros.

A partir da experiência ao longo de alguns semestres com essa disciplina relatada, apontamos a seguir algumas lições aprendidas.

- a) Criar um espaço de reconhecimento, acolhimento e legitimação desde o início é fundamental.
- b) No processo de sala de aula, é importante evitar que o ambiente atue como mecanismo de revitimização. Nesse sentido, é relevante tomar cuidado com exemplos, com como as questões são postas, dentre outros, para não reproduzir violências. Para isso, é salutar evitar apresentar, de forma desnecessária, situações de racismo sofridos por pessoas negras e indígenas.
- c) Fomentar um ambiente que reconheça a diversidade de perspectivas é imprescindível.
- d) É necessário se atentar para as dinâmicas relacionais em sala de aula, especialmente em turmas com composição inter-racial. É importante não criar um ambiente que fomente conflitos, mas estes não devem ser invisibilizados quando surgirem, mas sim, geridos.
- e) É comum que alunas negras e indígenas queiram relatar suas experiências, que muitas vezes são permeadas por violências. Acolhimento e legitimação são muito imprescindíveis nesses momentos.
- f) Não permitir que falas ou comportamentos de colegas reproduzam violências e deslegitimações é basal para o processo.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente estudo descrevemos uma experiência de uma disciplina específica que abordou os aspectos das relações étnico-raciais na formação em psicologia clínica. Esperamos que esse relato possa inspirar outras experiências com esse propósito. Sugere-se, também, que esse tema seja abordado de forma transversal (em todas as disciplinas, em projetos de extensão, em pesquisas) no processo de formação em psicologia. Por fim, sugere-se que sejam desenvolvidos estudos para avaliar a relação entre ter uma formação que contemple e aborde as dinâmicas das relações étnico-raciais e as repercussões para a prática profissional em psicologia, especialmente em psicologia clínica. Sugere-se também que sejam desenvolvidos estudos que abordem a relação entre a formação e o senso de responsabilização para uma prática antirracista em psicologia.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Cláudia de O., MOREIRA, Ana Luísa Coelho; TAVARES, Breitner. L. (2020). *Enfrentar o racismo é promover saúde e equidade* [Nota Técnica]. BRAPEP. Retirado de http://brapep.org.br/wp-content/uploads/2020/12/Nota-Te%CC%81cnica_Racismo_03_12_2020-compactado.pdf
- BACICH, Lilian; MORAN, José. *Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática*. Porto Alegre: Penso, 2018.
- CARVALHO, Andressa; SOUZA, Carlivane; MACEDO, João Paulo. Relações de Gênero e Étnico-Raciais nos Currículos de Psicologia: Aproximações e Desafios. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 40, e201972, p. 1-14, 2020. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003201972>
- CASTELAR, Marilda; SANTOS, Carolina Conceição de Oliveira. Relações raciais no ensino de psicologia: uma experiência de sensibilização. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, v, 1, n. 1, p. 75-86, 2012.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA [CFP]. *Relações raciais: referências técnicas para atuação de psicólogas (os)*. CFP, 2017.
- DAMASCENO, Marizete e ZANELLO, Valeska. Psicoterapeutas brancos/as e clientes negros/as: sobre racismo invisível e lacuna em relações raciais na formação profissional. *Revista Da Associação Brasileira De Pesquisadores/As Negros/As (ABPN)*, v. 14, n. 41, p. 317-342, 2022. Recuperado de <https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/1348>
- FANON, Frantz. *Pele negra máscaras brancas*. EDUFBA, 2008.
- FÉLIX-SILVA, Antonio Vladimir; SANTOS, Joice Silva dos; DUQUE, Joice Silva dos; ROCHA, Matheus Barbosa da; SEVERO, Ana Kalliny de Sousa. Psicologia da Diferença, Relações Raciais e Formação da(o) Psicóloga(o). *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 42, e229977, p. 1-17, 2022. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003229977>
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GROSFOGUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. *Revista Sociedade e Estado*, v. 31, n. 1, 2016.

HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

KHOURI, Jamille Georges Reis; CASTELAR, Marilda. Percepções de Estudantes sobre o Debate das Relações Raciais na Formação em Psicologia. *Psicologia: Ensino & Formação*, v. 7, n. 2, p. 53-62, 2016. DOI: 10.21826/2179-58002016725362

LHULLIER, Louise. A. (Org.). *Quem é a psicóloga brasileira?* Mulher, Psicologia e Trabalho. Brasília: CFP, 2013.

MAYORGA, Cláudia. Sobre mulheres, psicologia, profissão e a insistente ausência das questões raciais. In Conselho Federal de Psicologia (Org.). *Psicologia: uma profissão de muitas e diferentes mulheres*. Brasília: CFP, 2013. Recuperado de <http://site.cfp.org.br/publicacao/psicologia-umaprofissao-de-muitas-e-diferentes-mulhere>

MEIRELES, Jacqueline; FELDMAN, Mariana; CANTARES, Tamiris da Silva; NOGUEIRA, Simone Gibran; GUZZO, Raquel Souza Lobo. Psicólogas brancas e relações étnico-raciais: em busca de formação crítica sobre a branquitude. *Pesquisas e práticas psicossociais*, v. 14, n. 3, p. 1-15, 2019. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082019000300009&lng=pt&nrm=iso

MUNANGA, K. *Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia*. Palestra proferida no 3o Seminário Nacional Relações Raciais e Educação - PENESB-RJ, Rio de Janeiro, 2003 Disponível em: <https://www.ufmg.br/inclusaosocial/?p=59>

PRESTES, C. R. S. Não sou eu do campo psi? Vozes de Juliano Moreira e outras figuras negras. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, v. 12 (Edição Especial), p. 52-77. ISSN 2177-2770, 2020.

SACCO, A. M., COUTO, M. C. de Paula; KOLLER, S. H. Revisão Sistemática de Estudos da Psicologia Brasileira sobre Preconceito Racial. *Temas em Psicologia*, v. 24, n. 1, p. 233-250, 2016.

SANTOS, Alessandro; SCHUCMAN, Lia Vainer; Martins, H. V. Breve histórico do pensamento psicológico brasileiro sobre relações étnico-raciais. *Psicologia Ciência e Profissão*, v. 32, número especial, p. 166-175, 2012. <https://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932012000500012>

SANTOS, Alessandro de Oliveira dos; SCHUCMAN, Lia Vainer. Desigualdade, relações raciais e a formação de psicólogos(as). *Revista EPOS*, v. 6, n. 2, p. 117-140, 2015.

SANTOS, M. A. F., SOTTO-MAYOR, L., OLIVEIRA, M., SOARES, I., SERRA, I. *The use of Photovoice as a pedagogical strategy*. *New Trends in Qualitative Research*, v. 2, p. 312-321, 2020. Retirado de <https://doi.org/10.36367/ntqr.2.2020.312-321>

SCHUCMAN, Lia Vainer; GONÇALVES, M. M. Raça e subjetividade: do campo social ao clínico. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 72, número especial, p. 109-123, 2020.

SCHUCMAN, Lia Vainer; MARTINS, H. V. A psicologia e o discurso racial sobre o negro: do “objeto da ciência” ao sujeito político. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 37, número especial, p. 172-185, 2017.

SILVA, P. B. G. Educação das relações étnico-raciais nas instituições escolares. *Educar em Revista*, v. 34, n. 69, p. 123-150, 2018. <https://doi.org/10.1590/0104-4060.58097>



TAVARES, Jeane Saskya Campos; KURATANI, Sayuri Miranda de Andrade. Manejo Clínico das Repercussões do Racismo entre Mulheres que se “Tornaram Negras”. *Psicologia: Ciência e Profissão* [online], v. 39, e184764, 2019.

TOUSO, M. F. de S., MAINEGRA, A. B., MARTINS, C. H. G. e FIGUEIREDO, G. L. A. Photovoice como modo de escuta: subsídios para a promoção da equidade. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 22, n. 12, p, 3883–3892, 2017. Retirado de <https://doi.org/10.1590/1413-812320172212.25022017>

WERNECK, Jurema. Racismo institucional e saúde da população negra. *Saúde e Sociedade*. São Paulo, v. 25, n. 3, 2016, p. 535-549.

WILLIAMS, D. R.; PRIEST, N. Racismo e saúde: um corpus crescente de evidência internacional. *Sociologias*, v. 17, 2015. Recuperado de: <https://doi.org/10.1590/15174522-017004004>

Recebido em: 07/08/2023

Aprovado em: 21/09/2023